

## Soneto ao Crepúsculo

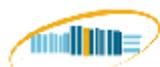
*Rafael Zafalon*

Ouvi da varanda um clamor  
Gritos lúgubres, suspirados  
Olhos secos arrancados  
Enlouquecidos pela dor

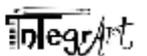
Fronte inchada, amargurada  
Maltrapilho e desgostoso  
Triste coração, trêmulo e vagaroso  
Que se entrega à lembrança amada

Ensurdecedor brado, desesperado  
Sangraria em minh'alma tal desalento?  
Poderia eu torna-lo amenizado?

Perfiz então o quão atormentado  
Sentia-me naquele momento  
Eu não o ouvi, era eu mesmo, machucado.



Biblioteca da Prefeitura do Campus USP de São Carlos



**Exposição "Percurso, tudo até agora"**

## Memórias endurecidas

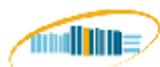
*Rafael Zafalon*

Nego ao introito os desejos  
Aurora viva a cortejar as flores  
Lembranças lúgubres e amores  
Quão belos e dilacerados beijos

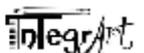
Perfumes tênuos e olhares escuros  
Cartas sangradas e dores  
A beleza pudica das cores  
Sinfonia casta dos sussurros

Gratos e lascivos clamores  
Ideologias flageladas  
Paixões ardentes esquecidas

Sentiria a ingênua pele tais ardores?  
Rosas pelos cravos apaixonadas  
Memórias antigas e endurecidas.



Biblioteca da Prefeitura do Campus USP de São Carlos



**Exposição "Percurso, tudo até agora"**

## Soneto imperfeito

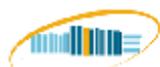
*Rafael Zafalon*

Dentre todos os enredos  
Nasce enfim na poesia  
Arranjo inquieto da cortesia  
Encenada aos olhos secos

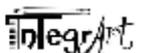
Fel compassivo e adocicado  
Anfitrião generoso da dor  
Introito pleno do amor  
Destilado tênue e amargurado

Anjos caídos cativantes  
Adormecidos na voracidade da dor  
Recordações e passados relevantes

Da faca o troféu dos amantes  
Velório inquieto do amor  
Lágrimas cálidas, errantes.



Biblioteca da Prefeitura do Campus USP de São Carlos



**Exposição "Percurso, tudo até agora"**

## Soneto da Dor

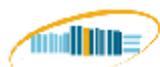
*Rafael Zafalon*

Vislumbro na solidão  
Sacrifício pleno e doloroso  
Ode ao amante corajoso  
Que se derrama na imensidão

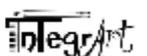
Olhos rasgados em unção  
Abraço sincero e murmuroso  
Sulco singelo e amoroso  
Neste fraco e triste coração

Jamais tornar-se-á estancada  
Ferida doce e amargurada  
Oleandro atraente ao relento

Que adormeça minh'alma calada  
Lacrimajante quão amada  
Em meu olhar, o descontento.



Biblioteca da Prefeitura do Campus USP de São Carlos



**Exposição "Percurso, tudo até agora"**

## Ode à tristeza

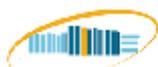
*Rafael Zafalon*

Haveriam mais belos contos  
Quão aqueles escritos na tristeza  
Das noites sombrias, sem beleza  
Sulco venerado em pontos

Em meu toque frio, os contrapontos  
Em meu corpo pálido, a fraqueza  
Mostrara o sangue sua avareza  
Em plena sinfonia de confrontos

Na queda, a beleza dos musicais  
Compasso pulcro da fadiga  
Ode efêmera de cristais  
Em agonia derramados

Oferta poética da partida  
Coração escasso e descarnado  
Dolorosa lembrança, contraída  
Adeus melancólico, estagnado.



Biblioteca da Prefeitura do Campus USP de São Carlos



**Exposição "Percurso, tudo até agora"**

## Devaneio

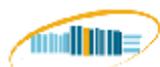
*Rafael Zafalon*

Acordado mergulho no devaneio  
Recordando-me do mar de lágrimas poentes  
Que de meus olhos jorraram com tal dor  
Que parecia sangue vertendo da escuridão.

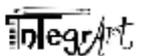
Adormecido nos minutos inacabáveis  
Acolhido pelas sedas e mares agonizantes  
Esquecido pela felicidade que marcava horas  
No relógio dilacerador dos pesadelos.

Assustado, lanço-me sobre a frieza do chão.  
Mergulho nas sombras de um canto qualquer  
Esquecido de amor em minh'alma.

Levanto-me e olho no deslumbre da madeira  
A lembrança que me rasga o peito  
E me fará chorar a vida inteira.



Biblioteca da Prefeitura do Campus USP de São Carlos



**Exposição "Percurso, tudo até agora"**

## Lágrimas à Nanquim

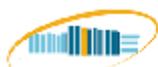
*Rafael Zafalon*

Arte, o culto das informalidades.  
Com teu soprar fizeste o vento,  
E por ti amar, meu contento.  
Contentes por quaisquer finalidades.

No meu sonhar vejo o encanto,  
De provar de ti a simplicidade,  
De rabiscar a beleza da cidade,  
Para que saia de mim este pranto.

Da aquarela surgem os olhares,  
Que em folhas ouse expressar-te,  
Os mesmos que dantes gritara aos mares  
O pobre Portinari a demandar-te.

Por desenhos ergueste um mundo novo  
Que um dia sem nenhum desgosto,  
Provarei da terra da qual vieste, ó povo.  
Para que não vejas novamente, Hiroshima, sem teu  
gosto.



Biblioteca da Prefeitura do Campus USP de São Carlos



**Exposição "Percurso, tudo até agora"**

## Palavras rasgadas

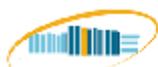
*Rafael Zafalon*

Não devo sussurrar  
Não posso gritar  
Tampouco expressar  
A cura dos teus abraços

A solidão que me consumia  
Aos poucos derretia  
Nos seus braços  
Sentia conforto, paz

Uma praça qualquer  
Alguns vidros, uma mesa  
Um café que aquecia a alma  
Um suspiro de desabafo

Coração simples e bondoso  
Luz em dias lúgubres  
Minha amiga eterna  
Que habita meu coração.



Biblioteca da Prefeitura do Campus USP de São Carlos



**Exposição "Percurso, tudo até agora"**

## O mundo moderno

*Everaldo Dias Matteus*

“Ingenuamente somos alienados e transformados  
em uma espécie de homem-objeto.  
Através de propagandas medíocres,  
nossas mentes são compradas,  
E a nos são vendidos os pecados capitais,  
A preço de sonhos e fantasias.  
Valores são impostos,  
Verdades forjadas,  
Desrespeitando idades e sexos,  
Discriminando raças e crenças,  
Distinguindo classes sociais e impondo limites de expressão.  
Afinal, se este não é o mundo dos sonhos,  
É a realidade nua e crua do mundo moderno,  
Globalizado”.



Biblioteca da Prefeitura do Campus USP de São Carlos

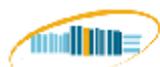


**Exposição “Percurso, tudo até agora”**

## Caras e Bocas

*Chicas*

“Pra que conteúdo, se a casca é bacana  
A foto é perfeita, o riso é sacana  
O mundo é blasé, prosecco rosé  
Pra que etiqueta, ter boas maneiras  
Se estamos do lado de cá da fronteira  
Brilhante quintal, glamour nacional  
A gente disfarça o motivo  
Inventa a situação  
Pra ter, pra ganhar, pra roubar, pra chamar a atenção  
Eu faço caras e bocas  
Com que roupa eu me dou bem  
Eu sei que caras e bocas  
Me levam para Roma também”.



Biblioteca da Prefeitura do Campus USP de São Carlos

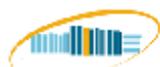


**Exposição “Percurso, tudo até agora”**

## Poéticas pinturas

*Augusto Matos*

"Sílabas em abstração vivem no poeta em átimos de tempo  
Visão num espectro de frequências luminosas da luz  
Há muito mais que isso:  
O ultravioleta, o infravermelho, os raios x e gama  
Quiçá a astronômica matéria escura  
Num prisma espiritual decanta-se o que o visual mostra  
O poeta enxerga tudo diferente, emana singularidade  
Tem a licença poética para captar o que lhe é necessário  
Uma mulher pode ser matéria poética sem saber, sem notar  
Sem se dar conta, pode ser-lhe o único bem num dia ruim  
Quando tudo são flores, dentre elas é a musa a mais bela  
E o poema pode ter uma paleta de manifestações sensoriais  
Matizes, nuances, gradações, luminosidade, temperatura  
Aromas, sonoridade, delineios na plasticidade verbal  
O pincel das letras, a tintura semântica, a tela semiótica  
As curvas da mulher se desenvolvem no manejo frasal  
Estrofes se seguem, como a alternar o foco anatômico  
Os maneirismos dela evocam interpretação literária  
Transformação da contemplação pela versificação  
Cai um véu, despe-se o manancial da inspiração  
As mãos imaginadas ganham amplitude de ação  
Face a face, já os olhos são insuficientes  
Um ser tão vasto e misterioso, tateado em Poesia  
Flertando mutuamente, num instante quase hipnótico  
Pode um poema já ser lido enquanto é gerado  
Sem papel, formatação, tinta, ou mesmo esboço prévio  
Mas corpo, alma e coração convertidos instantaneamente  
São relativos a extensão e o tamanho, densidade é tudo  
E nessas percepções poéticas, tudo é intensidade."



Biblioteca da Prefeitura do Campus USP de São Carlos



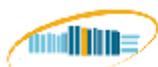
**Exposição "Percurso, tudo até agora"**

## A mão

*Carlos Drummond de Andrade*

“Entre o cafezal e o sonho  
o garoto pinta uma estrela dourada  
na parede da capela,  
E nada mais resiste à mão pintora.  
A mão cresce e pinta  
o que não é para ser pintado, mas sofrido.  
A mão está sempre compondo  
módul-murmurando  
o que escapou à fadiga da Criação  
e revê ensaios de formas  
e corrige o oblíquo pelo aéreo  
e semeia margaridinhas de bem-querer no baú dos vencidos.  
A mão cresce mais e faz  
do mundo como-se-repete o mundo que tele queremos.  
A mão sabe a cor da cor  
e com ela veste o nu e o invisível.  
Tudo tem explicação por que tudo tem (nova) cor.  
Tudo existe por que foi pintado à feição de laranja mágica,  
não para aplacar a sede dos companheiros,  
principalmente para aguçá-la  
até o limite do sentimento da Terra domicílio do homem.

Entre o sonho e o cafezal  
entre guerra e paz  
entre mártires, ofendidos,  
músicos, jangadas, pandorgas,  
entre os roceiros mecanizados de Israel,  
a memória de Giotto e o aroma primeiro do Brasil



Biblioteca da Prefeitura do Campus USP de São Carlos



**Exposição “Percurso, tudo até agora”**

entre o amor e o ofício  
eis que a mão decide:  
Todos os meninos, ainda os mais desgraçados,  
sejam vertiginosamente felizes  
como feliz é o retrato  
múltiplo verde-róseo em duas gerações  
da criança que balança como flor no cosmo  
e torna humilde, serviçal e doméstica a mão excedente  
em seu poder de encantação.

Agora há uma verdade sem angústia  
mesmo no estar-angustiado.

O que era dor é flor, conhecimento  
plástico do mundo.

E por assim haver disposto o essencial,  
deixando o resto aos doutores de Bizâncio,  
bruscamente se cala  
e voa para nunca-mais  
a mão infinita  
a mão-de-olhos-azuis de Candido Portinari."

